

R.34

MONITORAMENTO DA COSTA DO RIO GRANDE DO SUL
ATRAVÉS DE CENSO AÉREO DE AVES

J. L. X. NASCIMENTO, M. KOCH, B. S. ATAGUILE & S. B. SCHERER

RESUMO

A Planície Costeira do Rio Grande do Sul é uma extensa área à Leste do Estado, contando com um dos maiores sistemas lacustres do país e de alta diversidade de aves aquáticas, incluindo espécies residentes e migratórias, sendo os anatídeos particularmente abundantes (das 23 espécies existentes no Brasil, 20 ocorrem no Rio Grande do Sul).

Segundo Diegues (1990) "As feições morfológicas mais comuns da planície costeira gaúcha correspondem à cordões de restinga, campos de dunas fixas e ativas, paleofásicas, terraços marinhos e lagunares, além de extensas áreas de planície marinha, fluvial e lagunar. Nestas últimas situam-se os inúmeros banhados de água doce que caracterizam a região e se concentram, principalmente, na porção sul, entre as Lagoas Mirim e Mangueira, ao longo do Canal de São Gonçalo e às margens da Lagoa dos Patos." O autor classifica ainda aquele sistema como **fortemente degradado**.

Afim de avaliar as condições ambientais da faixa costeira do estado, enfocando a conservação de aves aquáticas, sobretudo no que diz respeito às espécies de aves ameaçadas de extinção, endêmicas, raras ou de status desconhecido, foram realizado dois censos aéreos na região mencionada, em avião Cessna (monomotor/asa alta), onde as informações coletadas pelos observadores eram gravadas em microgravador para posterior decodificação, com amarração temporal e espacial.

Como principais fatores de degradação ambiental, verifica-se o avanço desordenado das fronteiras agrícolas, com drenagem de banhados, sobretudo para orizicultura; ocupação humana, sobretudo para veraneio, sem o devido planejamento e, a utilização de áreas para pastoreio, onde as cercas chegam até o interior das lagoas.

No primeiro sobrevôo (maio/92) foram censadas 90.055 aves, englobando 25 espécies, sendo Dendrocygna viduata, Netta peposaca e Plegadis chihi as espécies predominantes com respectivamente 46.230, 13.740 e 9.355 indivíduos. Neste, as regiões compreendidas entre Pelotas e Jaguarão e entre Pelotas e Porto Alegre apresentaram as maiores concentrações, com respectivamente 27.686(20) e 17.384(19) indivíduos (entre parênteses o número de espécies).

No segundo sobrevôo (setembro/92) foram censados 306.153 aves, englobando 21 espécies, destacando Mycteria americana com 6.178 indivíduos censados, Dendrocygna viduata com 202.302 e Plegadis chihi com 138.154 indivíduos. Destaca-se a região compreendida entre Pelotas e Porto Alegre, com 88.992(16) indivíduos censados, seguida pelo trecho de Santa Vitória do Palmar até Estação Ecológica do Taim, com 61.480(17).

Como áreas de banhado mais importantes temos as faixas compreendidas entre Pelotas e Jaguarão, entre a Lagoa Mirim e a lagoa Mangueira, sobretudo a área de influência do Arroio del Rey e da Estação Ecológica do Taim, pela sua utilização por uma grande quantidade e diversidade de espécies, inclusive como área de reprodução de Cygnus melancoryphus e Coscoroba coscoroba, relacionados entre as "Espécies da Fauna Brasileira insuficientemente conhecidas e presumivelmente ameaçadas de extinção" (Bernardes, 1990).

Ainda, confirma-se o Parque Nacional da Lagoa do Peixe como uma das mais importantes áreas de todo o litoral gaúcho funcionando como local de passagem e internada para migrantes do Cone-Sul Americano como Netta peposaca, além do Cygnus melancoryphus, Coscoroba coscoroba e Phoenicopiterus chilensis - espécie ameaçada de extinção - podendo ser visto ali o ano inteiro, sendo este um dos motivos para criação do Parque.

Dada a velocidade, que se observa, do desaparecimento de importantes parcelas destes ecossistemas, faz-se necessário um monitoramento periódico da faixa costeira do estado, bem como o incentivo à criação de áreas protegidas, como RPPN'S (Reserva Particular do Patrimônio Natural).